



Riscos ocupacionais na atuação de cabeleireiros e possíveis impactos na saúde vocal

Occupational risks in the work of hairdressers and possible impacts in the vocal health

Riesgos laborales en el rendimiento de los peluqueros y posibles impactos en la salud vocal

*Bianca de Araújo Cavalcante Braga** 

*Brunna Thais Luckwu de Lucena*** 

*Luciana Figueiredo de Oliveira*** 

*Léslie Piccolotto Ferreira**** 

*Janaína Von Söhsten Trigueiro*** 

Resumo

Introdução: O Ministério da Saúde recentemente instituiu o protocolo Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho, possibilitando que os profissionais do Sistema Único de Saúde notifiquem casos de alteração vocal relacionados a diversas profissões que utilizam a voz como instrumento de trabalho. O cabeleireiro utiliza a voz como recurso de trabalho, e, considerando os condicionantes ocupacionais aos quais são expostos, tornam-se suscetíveis a desenvolver Distúrbios de Voz Relacionados ao Trabalho. **Objetivo:** Analisar o conhecimento de cabeleireiros sobre os riscos ocupacionais e seus possíveis impactos na saúde vocal. **Método:** Estudo exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa. A amostra constituiu-se por 13 cabeleireiros que possuíam formação em cursos profissionalizantes na área de cabeleiros pelo Centro de Ensino do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), localizado na cidade de João Pessoa-PB. Os mesmos responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado, o qual abordava questionamentos sobre dados sociodemográficos, ambiente de trabalho e saúde vocal dos participantes.

* Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão - UFPE, PE, Brasil.

** Universidade Federal da Paraíba - UFPB, PB, Brasil.

*** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

BACB: Concepção do estudo, Metodologia, Coleta de dados, Esboço do artigo;

BTLL e LFO: Esboço do artigo, Revisão crítica, Orientação;

FLP: Revisão crítica, Orientação;

JVST: Concepção do estudo, Metodologia, Coleta de dados, Esboço do artigo, Orientação.

E-mail para correspondência: Bianca de Araújo Cavalcante Braga - biancaaraujo198@gmail.com

Recebido: 07/12/2020

Aprovado: 04/06/2021



Para analisar o material empírico foram utilizados os fundamentos da Análise de Conteúdo, na modalidade temática de Bardin. **Resultados:** Os participantes possuíam de 24 a 44 anos de idade, de ambos dos gêneros, sendo a maioria mulheres. Referente ao tempo de atuação, o tempo mínimo referido foi de 5 anos e o máximo de 19 anos. Acerca dos riscos ocupacionais, os profissionais referiram conhecimento sobre a presença de riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e materiais no ambiente de trabalho. Os cabeleireiros apontaram a importância da voz para realização de seu trabalho e assinalam repercussões na voz relacionadas à organização da jornada laboral. **Conclusão:** Cabeleireiros possuem conhecimento sobre riscos ocupacionais, contudo, negligenciam as práticas de prevenção tornando-se suscetíveis ao adoecimento laboral, em especial aqueles que impactam na saúde vocal. É imperativa a inserção da Fonoaudiologia em novos cenários, no sentido de contemplar o uso vocal na perspectiva do trabalho informal.

Palavras-chave: Centros de Embelezamento e estética; Riscos Ocupacionais; Voz; Saúde do Trabalhador; Fonoaudiologia.

Abstract

Introduction: The Health Ministry has recently instituted the Work-Related Voice Disorder protocol, which allows professionals from Unified Health System to notify cases of voice change related to several (people) using voice as working tool. The hairdressers use their voice as a work resource. Considering the work constraints they are exposed, they become susceptible to develop Work-Related Voice Disorders. **Objective:** Analyze listeners' knowledge about occupational risks and possible impacts on vocal health. **Method:** Exploratory, descriptive study with qualitative approach. The sample consisted of 13 hairdressers who had professional courses at the Teaching Center from National Commercial Teaching Service (TCNCTS), located at João Pessoa-PB. They responded semi-structured interview script, which approached issues about sociodemographic data, work environment and vocal health of the participants. To analyze the empirical material, foundations of Analysis Content were used, in the thematic modality of Bardin. **Results:** Participants were between 24 and 44 years old, of both genders, the majority among them were women. Regarding working time, minimum time mentioned was 5 years and maximum 19 years. Regarding occupational risks, the professionals mentioned knowledge about the presence of physical, chemical, biological, ergonomic and material risks in the work environment. The hairdressers highlighted the importance of the voice to carry out their work and highlighted repercussions on the voice related to the organization of the working day. **Conclusion:** Hairdressers are knowledgeable about occupational risks, however, they neglect prevention practices, becoming susceptible to occupational diseases, especially those that impact vocal health. It is imperative the insertion of Speech Therapy in new sceneries, enabling to contemplate vocal use from the perspective of informal work.

Keywords: Beauty and Aesthetics Centers; Occupational Risks; Voice; Occupational Health; Speech, Language and Hearing Sciences.

Resumen

Introducción: El Ministerio de Salud ha instituido recientemente el protocolo Trastorno de la voz relacionado con el trabajo, que permite a los profesionales del Sistema Único de Salud notificar los casos de cambio de voz relacionados con varias profesiones que utilizan la voz como herramienta de trabajo. El peluquero utiliza su voz como recurso de trabajo, considerando las condiciones ocupacionales a las que está expuesto, se vuelve susceptible de desarrollar Trastornos de la Voz Relacionados con el Trabajo. **Objetivo:** Analizar el conocimiento de los oyentes sobre los riesgos laborales y sus posibles impactos en la salud vocal. **Método:** Estudio exploratorio, descriptivo, de enfoque cualitativo. La muestra estuvo constituida por 13 peluqueros que tenían cursos profesionales en el Centro de Docencia del Servicio Nacional de Docencia Comercial (SENAC), ubicado en João Pessoa-PB. Respondieron a un guión de entrevista semiestructurado, que abordaba preguntas sobre los datos sociodemográficos, el entorno laboral y la salud vocal de los participantes. Para analizar el material empírico se utilizaron los fundamentos del Análisis de Contenido, en la modalidad temática de Bardin. **Resultados:** Los participantes tenían entre

24 y 44 años. De ambos sexos, la mayoría mujeres. En cuanto al tiempo de trabajo, el tiempo mínimo referido fue de 5 años y el máximo de 19 años. En cuanto a los riesgos laborales, los profesionales mencionaron conocimiento sobre la presencia de riesgos físicos, químicos, biológicos, ergonómicos y materiales en el ambiente de trabajo. Los peluqueros destacaron la importancia de la voz para realizar su trabajo y señalar repercusiones en la voz relacionada con la organización de la jornada laboral. **Conclusión:** Los peluqueros tienen conocimiento sobre los riesgos laborales, sin embargo, descuidan las prácticas de prevención volviéndose susceptibles a enfermedades laborales, especialmente aquellas que impactan en la salud vocal. Es imperativa la inserción de la Fonoaudiología en nuevos escenarios, para poder contemplar el uso vocal desde la perspectiva del trabajo informal.

Palabras clave: Centros de Belleza y Estética; Riesgos Laborales; Voz; Salud Laboral; Fonoaudiología.

Introdução

A história da saúde do trabalhador se estabeleceu em paralelo a importantes marcos político-sociais. Desde a antiguidade a relação entre trabalho e saúde era discutida, contudo, o papel do trabalhador era restrito à mão de obra e a presença de doença representava prejuízo nos lucros. Consequentemente, a ausência de cuidado aos trabalhadores resultou em diversas doenças provenientes da ocupação exercida¹.

Hodiernamente, embora tenham ocorrido diversas conquistas e avanços nas últimas décadas, a visão assistencialista frente ao adoecimento ocupacional ainda permanece arraigada. Apesar do aparato regulatório que inclui normas e portarias, a precariedade da fiscalização das condições de trabalho afeta diretamente a efetividade dos serviços voltados à saúde do trabalhador². Dessa forma, ressalta-se a necessidade de realizar ações de educação sobre a promoção da saúde e a prevenção de doenças no âmbito laboral.

Nessa perspectiva, as discussões acerca do surgimento de doenças e agravos relacionados ao ambiente de trabalho fortaleceram-se após a implantação da Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador (PNSST)³ e, posteriormente, da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora⁴.

Não obstante, em contrapartida aos subsídios constitucionais, a expansão das novas formas de trabalho alerta para a necessidade de ações da Vigilância em Saúde do Trabalhador abrangerem os novos espaços laborais, como por exemplo, aqueles que funcionam na própria residência do profissional. Salienta-se que, no que tange aos conceitos empregados à informalidade, trabalhador informal é todo aquele que presta serviços de atividade

remunerada por conta própria, sem vínculo empregatício⁵. Incluem-se nesse grupo profissionais de diversas áreas, como artesãos, motoristas, técnicos da informação e cabeleireiros.

Com o intuito de abarcar todos os tipos de trabalhadores e agravos oriundos das atividades laborais, o Ministério da Saúde (MS) tem criado modos de incorporar a Estratégia de Saúde da Família (ESF) e os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) na construção de um modelo assistencial para as ações de vigilância. Recentemente, foi instituído o protocolo denominado Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho (DVRT), possibilitando que os profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS) identifiquem e notifiquem casos de alteração vocal em trabalhadores. Dentre eles, há ênfase nos professores, cantores, jornalistas, líderes religiosos, atores entre outros, acrescentando ainda os profissionais que a utilizam indiretamente e são expostos a fumaça, produtos químicos e condições extremas de temperatura, a exemplo dos chapeiros, açougueiros e cabeleireiros⁶.

Quanto aos cabeleireiros, é percebido que cada vez mais vêm conquistando espaço simultaneamente à ascensão da estética, produtos e procedimentos de beleza no mundo⁷. Porém, há a excessiva exposição desses profissionais a riscos ocupacionais, tendo em vista a área de atuação incluir riscos físicos, químicos e biológicos, rotineiramente⁸. Ademais, autores apontam o desconhecimento dos cabeleireiros acerca da biossegurança, assim como a baixa adesão dos mesmos aos Equipamentos de Proteção Individual (EPIS)⁹.

Nesse interim, a Fonoaudiologia, após a publicação do protocolo DVRT conquista um novo espaço de aprofundamento científico e possibilidades de atuação no SUS. Por ser a profissão responsável pelos aspectos gerais da comunicação

humana, considera-se importante que o olhar do fonoaudiólogo seja direcionado também aos cabeleireiros, embora esses não sejam dependentes da voz para o exercício do seu trabalho, mas a utilizam na interlocução com seus clientes, aspirando, por exemplo, os produtos químicos.

Portanto, a realização deste estudo justifica-se pela necessidade de ampliar os conhecimentos disponíveis na literatura a respeito da atuação fonoaudiológica no que se refere à saúde do trabalhador e, ainda, demonstrar a necessidade de compreender os aspectos relacionados ao ambiente e à organização do trabalho, ressaltando os riscos ocupacionais como possíveis causadores do adoecimento vocal de trabalhadores, aqui em especial, dos cabeleireiros.

Assim, busca-se analisar, dentro do contexto laboral dos cabeleireiros, os conhecimentos acerca dos riscos ocupacionais a que são expostos e os possíveis impactos na saúde vocal.

Método

Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva de natureza qualitativa. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CEP/CCS/UFPB) com o parecer nº 3.431.914, de 02 de julho de 2019, e CAEE: 12831319.3.0000.5188, procedeu-se à coleta de dados.

Os participantes convidados, após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram entrevistados a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado que contemplou questionamentos sobre os dados sociodemográficos e profissionais dos cabeleireiros, tais como: idade, gênero, renda mensal, estado civil, tempo de atuação como cabelereiro e vínculo empregatício. Foram realizadas perguntas abertas que tiveram o intuito de responder os objetivos propostos, inicialmente as que abordavam questões sobre o ambiente de trabalho e, posteriormente, a percepção do participante sobre sua saúde vocal. As perguntas abordaram, também, como o profissional relacionava os problemas vocais com o seu ambiente de trabalho.

O estudo foi desenvolvido no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), localizado na cidade de João Pessoa - PB. O local foi escolhido

por conveniência, devido à facilidade de contato com profissionais atuantes na área de beleza, uma vez que oferta cursos profissionalizantes.

Foram considerados como critérios de inclusão: estar realizando ou ter realizado o curso profissionalizante no último ano; ter três anos ou mais de atuação como cabeleireiro. Os critérios foram estabelecidos devido à possibilidade de agregar um número considerável de profissionais atuantes no mesmo local. No tocante ao critério de atuação, esse foi elencado devido à importância da perspectiva dos riscos ocupacionais e seus possíveis impactos no decorrer do tempo de atuação.

Treze profissionais atenderam aos critérios estabelecidos, e, na sequência, houve o agendamento prévio das entrevistas mediante a disponibilidade de cada profissional, todas ocorrendo na sede do SENAC, no mês de julho de 2019. As mesmas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra, utilizando o programa *Microsoft Word 2007* para sistematizar as informações obtidas.

Para analisar os dados obtidos foram empregados os fundamentos da Análise de Conteúdo, na modalidade temática, proposta por Bardin. É importante frisar que tal procedimento analítico se organiza em três momentos: a pré-análise, a exploração de material e o tratamento dos resultados¹⁰.

Considerando a regularidade dos discursos e a diversidade de sentidos presentes nas falas realizaram-se três categorias, a saber: Rotina de trabalho como disparadora de riscos ocupacionais; Riscos Ocupacionais: concepções e exposição dos cabeleireiros e A voz como reflexo do contexto laboral. A apresentação dessas categorias será acompanhada de recortes da fala dos entrevistados, identificados, para garantir o anonimato, com o pseudônimo "CABE" (Cabeleireiro), seguido de algarismo arábico correspondendo à ordem das entrevistas.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados 13 profissionais atuantes como cabeleireiros, sendo a maioria (n=9) do gênero feminino. A média de idade dos participantes foi de 32 anos (mínima de 24 e máxima de 44 anos). Nenhum deles referiu possuir carteira assinada. Acerca da jornada de trabalho, a carga horária variou de 6 a 10 horas diárias, construída a partir da demanda. A renda mensal declarada variou entre 1 e 3 salários mínimos. Quanto ao tempo de atuação, o tempo médio referido foi de 7,2 anos (mínimo

de 5 anos e máximo de 19 anos). Todos os profissionais fizeram especialização/aperfeiçoamento na área de cabeleireiros.

A seguir, são apresentadas, de acordo com as categorias estabelecidas, as percepções dos entrevistados em relação à temática dos riscos ocupacionais e possíveis impactos na saúde vocal, apontando os riscos ocupacionais inerentes a sua atuação e suas percepções sobre o uso da voz no contexto laboral.

Rotina de trabalho como disparadora de riscos ocupacionais

A partir dos dados sociodemográficos, todos os cabeleireiros que participaram da pesquisa estão incluídos no setor informal. Os resultados de um estudo realizado com trabalhadores informais apresentam a pior percepção da própria saúde e os piores indicadores de saúde quando comparados aos profissionais formais¹¹.

No que tange à organização da jornada de trabalho dos cabeleireiros, esta é influenciada por características inerentes a informalidade. A primeira delas diz respeito à carga horária diária, na qual há uma variação de 6 a 10 horas, sendo determinada pela demanda de clientela. Outro aspecto observado foi a instabilidade financeira perante o vínculo de trabalho, o que associa a remuneração diretamente à produção, isto é, quanto maior o ritmo de trabalho melhor o retorno financeiro. Frequentemente os profissionais tornam-se expostos a uma rotina desgastante e intensa.

As vezes fica numa correria tão grande que eu não vou ao banheiro, só vou quando termina. (CABE03)

Não dá tempo de comer direito, às vezes passa do horário, não tem lanche. Quando tem muito cliente a gente não para. (CABE04)

Em relação às atividades exercidas no ambiente de trabalho, constatou-se que os cabeleireiros realizam afazeres organizacionais concomitantes ao ofício de sua profissão.

[...] além do papel de auxiliar no salão mesmo eu também trabalho na recepção, atendo telefone, falo muito com cliente. (CABE02)

Nessa perspectiva, estudiosos demonstram que os cabeleireiros tendem a priorizar a qualidade do trabalho em detrimento de sua segurança¹². As falas revelam e reforçam a negligência quanto à organização da rotina de trabalho, devido às

condições supracitadas. Destaca-se que todos os profissionais possuem cursos profissionalizantes de especialização na área, fator que sugere uma lacuna quanto à aquisição de conhecimentos que apontam a sobrecarga laboral como risco para a saúde.

[...] a carga horária pesada, ritmo de trabalho bem pesado, eu ficava exausta fisicamente. Era andando, correndo de um lado pro outro, dor nas costas, nos ombros, nos braços e estresse. A saúde mental vai lá pra baixo, porque é muito movimentado onde eu trabalho, e conseqüentemente, muito agitado. (CABE02)

Quanto às ações de vigilância e prevenção à saúde do trabalhador inserido no mercado informal, há escassez de ações perante os profissionais informais bem como de sindicatos que identifiquem e respaldem seus direitos trabalhistas¹³. É visto, ainda, que trabalhadores informais apresentam um ideal de autculpabilização perante as situações adversas do ambiente laboral, como agravos à saúde, refletindo na transferência das responsabilidades legais do Estado e do empregador para o trabalhador¹⁴.

Os discursos dos cabeleireiros nessa categoria evidenciam carga horária excessiva, instabilidade financeira, acúmulo de funções, além de, em suas entrelinhas, a carência de direitos legais que os amparem. A interação desses fatores estabelece um ambiente propício ao desenvolvimento de alterações no funcionamento mental do trabalhador, levando-o ao estresse, sofrimento e distúrbios da voz¹⁵.

Reconhecendo a voz como algo intrínseco à identidade do indivíduo que se insere na construção das relações sociais, a presença de alterações de cunho vocal pode gerar impactos biopsicossociais, por conseguinte, refletirem negativamente na qualidade de vida dos sujeitos¹⁵. Enfatizam-se os agravos vocais como possíveis fatores impactantes na rotina de atuação dos cabeleireiros.

Riscos ocupacionais: concepções e exposição dos cabeleireiros

No cotidiano de trabalho, os trabalhadores estão expostos a múltiplas situações e fatores de risco para a saúde que podem resultar em agravos de curto, médio ou longo prazo, chamados os riscos ocupacionais. Esses são classificados quanto à sua natureza, podendo ser físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e materiais¹⁶.

Frente ao entendimento dos cabeleireiros a respeito da definição dos riscos ocupacionais, verificou-se que a maioria respondeu adequadamente.

No meu ponto de vista são os riscos de saúde ou de acidentes no momento em que eu estou no meu ambiente de trabalho. Seja em ações, ou seja, no local... Algum móvel, piso (chão) que podem me trazer acidentes [...] (CABE02)

Creio que são riscos de saúde relacionados à atividade que você exerce [...] (CABE03)

São problemas que a gente pode desenvolver decorrentes de atividades diárias. (CABE10)

Em alguns relatos houve a associação do conceito de riscos ocupacionais aos agravos a que a clientela fica exposta durante os procedimentos químicos. Percebe-se o desconhecimento acerca da temática, algo que deixa os cabeleireiros vulneráveis à exposição aos agentes nocivos presentes no âmbito do trabalho.

Assim, eu acho que pelo que entendi é questão com o cliente, com a pessoa, né isso? Na questão dos produtos, a gente sabe que eles são químicos e prejudicam a saúde. (CABE07)

Eu acho que o profissional pra executar um trabalho ele tem que avaliar, na minha área, ele tem que avaliar o cabelo da cliente e certificar se aquele cabelo está preparado para receber a química que a cliente quer. (CABE05)

Quando questionados sobre os riscos aos quais estão expostos no ambiente laboral, citaram diversos fatores e ações que podem afetar a saúde, havendo destaque para os riscos físicos.

Secadores e muita gente conversando, é o que mais faz ruído no salão. (CABE02)

Na verdade, eu tenho um problema sério com audição, pois eu só sei falar alto. Eu tenho uma cliente que diz que tenho problema de audição, que a televisão está sempre muito alta. (CABE12)

A presença de ruído nos salões de beleza foi aludida pelos profissionais como risco ocupacional. Sabe-se que o ruído é o agente nocivo mais comum nos ambientes de trabalho e que os cabeleireiros muitas vezes não percebem sua presença, logo negligenciam meios de controle ou redução¹⁷. A exposição frequente a ruído de secadores em funcionamento, conversas e sons ambientais pode ocasionar redução nos níveis de atenção, perda

nos limiares auditivos, tensão psicológica, e, conseqüentemente, um aumento na intensidade e na frequência fundamental da voz. Há longo prazo, essas ações podem ocasionar agravos na qualidade vocal^{18,19}.

No que concerne às atividades dos cabeleireiros, a maioria delas envolve o manuseio de objetos com altas temperaturas, podendo ocasionar desconforto térmico.

Como eu trabalho num ambiente climatizado, já devido ao calor, aí a gente sai de uma cidade quente e entra num ambiente climatizado. Depois a gente lida com o secador, que esquenta e esfria o tempo inteiro. Eu tenho rinite alérgica e às vezes ataca ou piora durante o trabalho. (CABE03)

Outro tipo de risco constatado nos depoimentos foi o ergonômico. Uma vez que as atividades inerentes à profissão são realizadas em pé, com manipulação de objetos e repetição de movimentos que necessitam de esforço físico, os cabeleireiros ficam suscetíveis a prejuízos como as Lesões por Esforço Repetitivo (LER) – hoje denominadas Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) – desconforto físico, fadiga, entre outros¹⁷. Como discutido anteriormente, os profissionais costumam não realizar pausas, tornando o cenário ainda mais preocupante.

Ressalta-se que os hábitos posturais podem impactar negativamente na fonação. Considerando a relação entre corpo e voz, posturas corporais inadequadas, como dorso encurvado, peito afundado, queixo abaixado ou excessivamente levantado podem resultar em tensão e alterar grupos musculares secundários ao sistema fonatório, refletindo na produção vocal e dificultando o controle respiratório²⁰.

[...] eu acho que os mais direcionados com o que eu faço seriam os de coluna, de mobilidade no geral. Inclusive devido a minha altura eu sofro bastante dependendo da cadeira. Geralmente, na cervical e nos ombros e na lombar. Lá no estúdio eu tenho cadeira alta, mas quando vou atender em domicílio é certeza voltar pra casa com dor. (CABE03)

Ainda na perspectiva das atividades realizadas pelos cabeleireiros, as falas referem uma preocupação quanto aos riscos de natureza mecânica.

[...] eu posso levar um choque no secador, na prancha. Por exemplo, quando a gente vai fazer uma cauterização a gente pede que faça com o cabelo úmido, então dificilmente eu fico sem sandália. Então se o risco for esse, realmente a gente fica exposta. No caso, como aconteceu no meu salão

do fio ele torar (romper) e pegar fogo no início da tomada. (CABE12)

O vínculo informal de trabalho dificulta a fiscalização e vigilância de acidentes causados por eletricidade e temperatura. As normativas vigentes não suprem a crescente expansão dos salões de beleza, que por sua vez surgem em ambientes informais, como nas residências dos profissionais. Os espaços de trabalho à margem da fiscalização promovem ambientes desprovidos de instalações seguras, o que suscita possíveis riscos à segurança do trabalhador²¹.

Acresce-se que os riscos biológicos não foram citados com frequência pelos profissionais, e o lapso alerta para a vulnerabilidade de contágio, posto que as vias de contaminação mais eficientes são a pele e mucosas⁹.

[...] cortes com gilete e tesoura. Bactérias, tosse, o pessoal que está gripado. Alguma coisa assim. Pode cortar o cliente e terminar se infectando com a pessoa, por exemplo. (CABE08)

De fato, a disseminação de agentes biológicos nas atividades laborais do cabeleireiro se dá pela utilização de materiais perfurocortantes, bem como pelo contato com a clientela que pode transmitir micro-organismos. A presença dos riscos biológicos preocupa devido à precariedade de fiscalização nos salões de beleza e também pela fragilidade no conhecimento e prática das normas de biossegurança entre essa classe específica de trabalhadores⁹. É imperativo dizer que esse tipo de exposição biológica submete o cabeleireiro a gripes, resfriados e infecções respiratórias, fatores que influenciam diretamente no uso da voz no ambiente de trabalho.

Em relação ao risco químico proveniente do uso de produtos químicos nos procedimentos de beleza, os profissionais referiram a presença de sintomas físicos após a exposição.

Depois do uso de um produto (desfrisante) eu fiquei completamente sem voz. Tive que usar a máscara pra tentar recuperar; fiquei totalmente sem voz. (CABE11)

[...] na questão dos produtos, a gente sabe que eles são químicos e prejudicam a saúde. O cabeleireiro, ele cheira muito produto. Por exemplo, no mês de dezembro que é pico, em junho também, a gente cheira o formol quase todo dia. (CABE07)

[...] eu não uso formol porque sou alérgica, mas o ácido também está me prejudicando, eu fico com pi-

garro na garganta. Eu sei que é, porque eu fico com o fôlego muito curto, sem poder respirar. (CABE12)

As evidências da literatura elucidam que a exposição a agentes químicos na atuação do cabeleireiro o torna suscetível ao desenvolvimento de agravos respiratórios relacionados a alergias ou mecanismos irritativos e perdas auditivas²². E ainda, indivíduos expostos a produtos químicos na rotina laboral apresentam implicações na voz e na fala, tanto pelo provável mecanismo irritativo quanto por doenças que podem ser desenvolvidas²³.

Dada às circunstâncias, quando arguidos sobre o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIS), os profissionais expuseram que apesar de reconhecerem a importância não os utilizam durante os procedimentos. De acordo com as falas, o uso de tal equipamento acaba sendo esquecido ou negligenciado devido à rotina de trabalho.

[...] a máscara eu tenho, mas tem horas que no calor da emoção você não coloca. Tem horas que eu lembro e coloco. (CABE01)

Assim, quando o produto é mais forte eu uso, mas tem produto que quase não tem cheiro. Às vezes inalando a gente fica um pouco mal né? (CABE07)

Em consoante aos achados, a literatura pertinente comprova que a adesão e conhecimento sobre normas de biossegurança entre profissionais que atuam em salões de beleza são ineficientes e estão relacionados com a falta de informação sobre a temática²⁴.

Ademais, estudos demonstram que os fatores socioeconômicos dos trabalhadores influenciam a forma que o mesmo lida com a exposição diária a riscos ocupacionais. A vulnerabilidade social predispõe o trabalhador a maiores riscos de adoecimento e acidentes de trabalho. Os determinantes organizacionais corroboram para instalação e manutenção dos riscos ocupacionais, por exemplo, o profissional informal exerce as funções de chefe e funcionário, logo, torna-se responsável pelas decisões inerentes a execução de seu trabalho e suas consequências.

Por conseguinte, as ações de vigilância em saúde do trabalhador precisam abarcar os trabalhadores informais, promovendo ações de prevenção e conscientização sobre os riscos presentes no escopo de suas ações²¹.

A voz como reflexo do contexto laboral

A composição dessa categoria se deu a partir da análise de relatos acerca da percepção sobre a voz e possíveis prejuízos resultantes do ambiente laboral.

Em meio às novas formas de trabalho, as discussões sobre a voz no contexto ocupacional vêm recebendo destaque, dado que atualmente os aspectos comunicativos refletem diretamente nos meios de produção de trabalho. Presente na rotina laboral de diversas profissões, a voz torna-se suscetível aos fatores ambientais, organizacionais e pessoais do indivíduo, refletindo diretamente nos aspectos de desempenho de suas funções ocupacionais⁶.

Ao serem questionados quanto à importância da voz para a execução do trabalho percebeu-se que os cabeleireiros a utilizam como ferramenta essencial.

[...] quase sempre a cliente chega com as suas expectativas e seus pedidos, seus questionamentos. E eu tenho que mudar o tom de voz mais simpático, agradável, tenho que escutar bastante e poder responder de acordo. [...] gosto de ficar puxando assunto, para quebrar o gelo. (CABE03)

O conteúdo do depoimento revela o uso da voz como instrumento de trabalho entre os cabeleireiros, posto que esse lida diretamente com os anseios e expectativas de seus clientes. Nesse segmento, a voz como recurso de trabalho do cabeleireiro é exposta aos condicionantes ocupacionais citados anteriormente, tornando esses trabalhadores suscetíveis a DVRTs.

Além do uso profissional, a voz expressa a identidade do indivíduo e possibilita a expressão verbal. Sendo assim, dentro ou fora do trabalho, os participantes da pesquisa perceberam mudanças vocais ao longo do tempo de atuação como cabeleireiros.

[...] a minha voz ficou mais grossa, mais rouca. Tem a questão de tossir muito fazendo um procedimento. (CABE07)

Eu percebo que agora minha voz falha quando eu estou cantando, ela fica bem aguda e depois baixa, tipo desafina. (CABE05)

[...] quando a gente vai pranchar, inala a química. Então eu acho que isso prejudica a minha voz. Tem semanas que eu faço uma redutora e não fico com tanta secreção na garganta, mas tem semana que eu faço três ou quatro, aí eu fico além da garganta ardida, fico com muito pigarro. (CABE12)

Considerando o uso da voz como ferramenta de trabalho e a percepção de mudanças vocais resultantes da atuação como cabeleireiro referida pelos profissionais, a temática deve ser valorizada, uma vez que essa classe de trabalhadores é exposta a uma gama de riscos ocupacionais que pode trazer prejuízos para a qualidade vocal. Em contrapartida, a literatura sobre esses trabalhadores ainda é escassa, evidenciando a importância de produções científicas que enfatizem a saúde dos cabeleireiros e orientem a realização de ações preventivas.

Mais um ponto abordado nos relatos foi a presença da dificuldade de falar ou ser ouvido em ambientes ruidosos. Como citado anteriormente, o ruído nos salões de beleza costuma ser negligenciado entre os profissionais. Os recortes abaixo reafirmam os achados da literatura¹⁸ que sugerem a realização de abusos vocais para sobrepor o ruído.

Eu não gosto de falar muito alto, quando tem muito barulho eu tenho dificuldade de sobrepor a minha voz. Se tiver muita gente trabalhando, muito cliente, eu preciso falar mais alto. (CABE02)

Não sinto dificuldade porque eu falo alto. Eu sempre aumento o tom de voz. (CABE09)

Dificuldade só quando está muito movimento, quando tá muita gente com secador ligado. Às vezes me sinto, no final do dia, cansada e com a garganta seca. (CABE03)

As falas assinalam repercussões na voz relacionadas à organização da jornada laboral. São relatadas dificuldades para falar em dias de maior demanda. Como referido anteriormente, a rotina exaustiva predispõe o trabalhador à realização de hábitos inadequados e merece destaque a negligência em relação à ingestão hídrica e alimentação.

Muitas vezes fico rouca, bebo água só para voltar, é normalmente isso. Quando eu atendo muitas pessoas, uma atrás da outra, sem ter um intervalo de 15 a 30 minutos. (CABE04)

Salienta-se que a hidratação contribui para a diminuição das queixas vocais e, portanto, proporciona a melhora da produção, sobretudo em profissionais com alta demanda vocal. Para mais, a hidratação é considerada importante na prevenção e tratamento de distúrbios vocais²⁵.

De acordo com as declarações, aspectos organizacionais são fatores determinantes para percepção de prejuízos na qualidade vocal. Acentua-se que comportamento comunicativo pode ser

influenciado em função das emoções e estados de ansiedade e estresse, com efeitos no corpo, na expressão facial, na fala e na qualidade vocal^{26,27}.

No final do dia minha voz fica bem mais cansada e se eu pudesse ficar sem falar, ficaria por um bom tempo. (CABE06)

Às vezes fica numa correria tão grande que eu sinto que a voz fica bem cansada. (CABE02)

Ressalta-se que o estresse ocupacional é um processo resultante de aspectos comunicativos, emocionais e motivacionais do indivíduo²⁸. O acúmulo de funções e a precarização do trabalho são apontados como condicionantes do estresse ocupacional, os quais podem ocasionar impacto à saúde, como os distúrbios vocais²⁹.

Infere-se que a interação entre os riscos ocupacionais presentes no ambiente laboral, o uso da voz e hábitos inadequados de hidratação e alimentação predis põem o cabeleireiro ao desenvolvimento do DVRT. Acrescenta-se a discussão o tempo de atuação desses profissionais, uma vez que a ocorrência de problemas vocais é superior em trabalhadores com maior tempo de ofício².

Torna-se fundamental que as ações de saúde do trabalhador abranjam os cabeleireiros. A notificação dos casos por meio do Protocolo DVRT é um importante recurso para nortear e ampliar as ações da Fonoaudiologia e de outros profissionais do SUS em relação a esses trabalhadores.

Nesse cenário, a equipe de profissionais que compõem a Atenção Básica (AB) pode representar uma via de acesso aos trabalhadores do mercado informal, posto que a abrangência de suas ações possibilita o rastreamento e a identificação de ambientes laborais informais³⁰. As atividades de promoção da saúde e prevenção de agravos voltados a esse público devem considerar as singularidades de cada núcleo de saber da AB para utilizar o matriciamento como dispositivo de intervenção.

Alia-se a tal fato a ausência de artigos publicados que envolvem a temática de cabeleireiros no âmbito da saúde, visto que os estudos encontrados se concentraram em outras áreas, como a engenharia de materiais e administração.

Como limitação da pesquisa sinaliza-se que, por ser de cunho qualitativo, abrangeu dados de profissionais de um único centro profissionalizante, porém, pode servir de introdução para novas investigações.

Conclusão

Os resultados do estudo demonstraram que a maioria dos cabeleireiros possui conhecimento sobre riscos ocupacionais. Contudo, negligenciam as práticas de prevenção tornando-se suscetíveis ao adoecimento oriundo do trabalho, em especial aqueles que impactam na saúde vocal. As contribuições da presente pesquisa envolvem a possibilidade de ampliação da discussão sobre riscos ocupacionais e biossegurança nos espaços laborais dos cabeleireiros, bem como a saúde vocal desses profissionais. Acerca desse último ponto, sugere-se que os centros de ensino profissionalizantes insiram em sua grade curricular algum componente que aborde a atenção à saúde vocal.

É imperativa a inserção da Fonoaudiologia em novos cenários inerentes ao uso da voz em contexto de trabalho. Dado que o fonoaudiólogo pode e deve atuar direta ou indiretamente no cuidado aos trabalhadores, evidencia-se a importância de contemplar o uso da voz na perspectiva do trabalho informal.

Referências bibliográficas

1. Nascimento DDG, Oliveira MAC. Analysis of suffering at work in Family Health Support Centers. *Rev Esc Enferm USP*. 2016; (50): 846-852.
2. Leme RS, Filho LPP. A desproteção à saúde do trabalhador e sua judicialização. *Rev. Bras. Polít. Públicas*, Brasília, 8(3), 2018, p.289-306.
3. BRASIL. Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do (a) Trabalhador. Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador. Brasília: Janeiro de 2004.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.823, de 23 de agosto de 2012. Institui a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Ministério da Saúde, 2012.
5. Dalberto RC, J Cirino JF. Informalidade e segmentação no mercado de trabalho brasileiro: evidências quantílicas sob alocação endógena. *Nova Economia*. 2018; 28 (2), 417-460.
6. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho – DVRT. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
7. BRASIL. Lei n. 12.592, de 18 de janeiro de 2012. Dispõe sobre o exercício das atividades profissionais de cabeleireiro, barbeiro, esteticista, manicure, pedicure, depilador e maquiador. Diário oficial da União. Brasília (DF); 2012.
8. Rocha LF, Simonelli AP. A utilização da análise ergonômica do trabalho como ferramenta do terapeuta ocupacional no estudo da atividade de trabalho de cabeleireiros. *Caderno de Terapia Ocupacional*. São Carlos, 2012; 20(3), 413-424.

9. Garbaccio JL, Oliveira AD. Biossegurança e risco ocupacional entre os profissionais do segmento de beleza e estética: revisão integrativa. *Rev. Eletr. Enf. Online*. 2012; 14, 702-11.
10. Bardin L. Análise de conteúdo. 2011. São Paulo: Edições 70.
11. Barbosa RJ. Estagnação Desigual: desemprego, desalento, informalidade e a distribuição da renda do trabalho no período recente (2012-2019). *Mercado de Trabalho*. 2019. Nota técnica. 67: 59-70.
12. Ososky S, Schuster D, Keebler JR. Ergonomic Analysis of a Hair Salon. *Journal of Management and Engineering Integration*. 2008; 1(1).
13. Lacaz FAC, Flório SMR. Controle social, mundo do trabalho e as Conferências Nacionais de Saúde da virada do século XX. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2009; 14(6): 123-2134.
14. Bernardino DCAM, Andrade M. O Trabalho Informal e as Repercussões para a Saúde do Trabalhador: Uma Revisão Integrativa. *Rev. Enf. Ref. [Internet]*. 2015. Dez; serIV(7): 149-158.
15. Masson MLV, et al. Em busca do reconhecimento do distúrbio de voz como doença relacionada ao trabalho: movimento histórico-político. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2019; 24 (3), 805-816. <http://dx.doi.org/10.1590/141381232018243.00502017>.
16. BRASIL, Ministério do Trabalho. Cartilha: Adoecimento ocupacional: o mal invisível e silencioso. Secretaria de Inspeção do Trabalho. Ministério do Trabalho 2018.
17. Neves KA, et al. A intervenção ergonômica nos estabelecimentos de beleza. *Revista de Produção Acadêmico-Científica, Manaus*, 2016; 3(2).
18. Guidini RF. Correlações entre ruído ambiental em sala de aula e voz do professor. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2012; 17(4): 398-404.
19. Roncoleta LM; Jorge IMP, Maríngolo LP, Justino MF, Silva-e-Dutra FCM. Psychosocial and environmental factors: influence on work ability among social assistance workers. *Rev Bras Med Trab*. 2019; 17(3): 335-345.
20. Machado PB, et al. Os hábitos posturais e o comportamento vocal de profissionais de educação física na modalidade de hidroginástica. *Rev. CEFAC*. 2011; 13(2): 299-313.
21. Rios MA, et al. Fatores associados a acidentes de trabalho envolvendo trabalhadores informais do comércio. *Cad. Saúde Pública [online]*. 2015; 31(6): 1199-1212.
22. Carvalho LVB, et al. Exposição ocupacional a substâncias químicas, fatores socioeconômicos e Saúde do Trabalhador: uma visão integrada. *Saúde debate*. 2017; 41: 313-326.
23. Lisbôa CD, Mello MGS. Sinais e sintomas vocais e de fala em indivíduos expostos a agentes químicos: uma análise de prontuários. *Rev. CEFAC*. 2018; 20(2), 209-217.
24. Garbaccio, JL; Oliveira, AC. Adesão e conhecimento sobre o uso de equipamentos de proteção individual entre manicures e pedicures. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2015; 68 (1); 52-59.
25. Siqueira MA, Bastilha GR, Lima JPM, Cielo CA. Hidratação vocal em profissionais e futuros profissionais da voz. *Rev. Cefac*. 2016; 18(4): 906-914.
26. CIPRIANO FG, et al. Relação entre distúrbio de voz e trabalho em um grupo de Agentes Comunitários de Saúde. *CoDAS*. 2013. São Paulo, 25 (6): 548-556.
27. Almeida LMS, Dumith SC. Associação entre problemas vocais e tempo de trabalho em servidores públicos de uma Universidade Federal do sul do Brasil. *Cad. Saúde Colet*. 2018; 26(3): 249-254.
28. Silva NR, Bolsoni-Silva AT, Loureiro SR. Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional. *Revista Brasileira de Educação*. 2018; 23, 1-18.
29. Ferracciu CCS, et al. Índice de capacidade para o trabalho e desequilíbrio
30. esforço-recompensa relacionado ao distúrbio de voz em professoras da rede estadual de alagoas. *Rev. Cefac*. 2015; 17(5): 1580-1589.
31. Lazarino MSA, Silva TL, Dias EC. Apoio matricial como estratégia para o fortalecimento a saúde do trabalhador na atenção básica. *Revista brasileira de saúde ocupacional*. 2019; 44(23)